

GLOBALIZAÇÃO E URBANIZAÇÃO DO MUNDO

MARCIO LUIS FERNANDES

MESTRE E DOUTORANDO EM GEOGRAFIA - UERJ

CONTATOS: mjf2501@hotmail.com / marcio_fernandes@oi.com.br

RESUMO

Em meio ao inexorável processo de urbanização e globalização do mundo contemporâneo, pensadores clássicos se debruçam sobre temas e questões diversas:

1 – As novas tecnologias cumprem um papel no processo de globalização, contribuindo para uma nova ordem econômica e repercutindo na atual urbanização. Como explicar este protagonismo, privilegiando a perspectiva geográfica do espaço?

2 – No âmbito da cultura urbana, muitas são as repercussões da globalização nos lugares, afetando o cotidiano e as ações humanas. Considerando a interseção local-global, quais são os impactos da mundialização do capitalismo sobre os lugares?

3 - A dimensão política da globalização pode ser compreendida a partir de projetos e intervenções urbanas, cuja crítica está presente na abordagem de autores clássicos. Discorrer sobre este tema, exemplificando-o, faz-se necessário se desejamos entender o papel dos planejadores urbanos no atual momento que vivenciamos, qual seja a urbanização da sociedade.

4 - Mudança, transição e diversidade constituem palavras-chave recorrentes no discurso e no pensamento de autores consagrados pela literatura especializada no fenômeno urbano. Comentar e apresentar as ideias desses autores a propósito da temática urbana é o principal objetivo do presente texto.

Texto elaborado à partir da avaliação final da disciplina “Globalização e urbanização do mundo”, ministrada pela professora doutora Susana Mara Miranda Pacheco no curso de doutorado em geografia. Universidade do estado do Rio de Janeiro – UERJ, abril de 2013.

1 – GLOBALIZAÇÃO E URBANIZAÇÃO DO MUNDO: UMA EXPLICAÇÃO DESTES PROCESSOS PRIVILEGIANDO A PERSPECTIVA GEOGRÁFICA DO ESPAÇO.

São duas as concepções mais comuns, concernentes ao que representa o processo de globalização: a primeira noção relaciona o citado fenômeno global ao processo de desenvolvimento do capitalismo. Seguindo esta vertente, podemos asseverar que o mundo começou a se “globalizar” entre os séculos XV e XVI – por ocasião da expansão marítima europeia. Neste contexto, a primeira fase do processo de desenvolvimento capitalista foi marcada pelo chamado “capitalismo comercial”, tendo como características principais, além da já citada expansão marítima europeia, a acumulação primitiva de capitais, a política mercantilista e o colonialismo (partilha da América).

Durante a primeira etapa do processo de desenvolvimento capitalista, a riqueza de uma nação era mensurada a partir da quantidade de ouro e prata que o Estado conseguia acumular (metalismo). Por representar a nação hegemônica no esplendor desta etapa, a Inglaterra foi o país que melhor representou a “acumulação primitiva de capitais”. A partir deste incremento, o Reino Unido protagoniza o alvorecer da segunda etapa do processo de desenvolvimento capitalista, qual seja o “capitalismo industrial. Nesta etapa, a produção passa a ser condição indispensável para o desenvolvimento econômico de uma nação. Neste bojo, entre os séculos XVIII e XIX desenvolve-se a chamada “primeira revolução industrial”, sendo esta liderada pelo Reino Unido, e entre os séculos XIX e XX, eclode a “segunda revolução industrial”, sendo esta liderada por Estados Unidos e Alemanha. Nestas duas primeiras revoluções industriais, fala-se mais em desenvolvimento técnico (e não tecnológico). Enquanto a primeira revolução técnica foi marcada pelas indústrias têxteis, navais e siderúrgicas – tendo o carvão como principal fonte energética – a segunda foi marcada pelas indústrias químicas e automobilísticas. O carvão e as locomotivas da primeira revolução industrial, no segundo período técnico, vão sendo substituídos pelo petróleo, pela energia elétrica e pelos motores. Vale frisar que, durante o capitalismo industrial, o mercantilismo foi, igualmente, substituído pelo liberalismo e que, de igual modo, o colonialismo cede lugar ao imperialismo (partilha da África entre as potências imperialistas da Europa).

Texto elaborado à partir da avaliação final da disciplina “Globalização e urbanização do mundo”, ministrada pela professora doutora Susana Mara Miranda Pacheco no curso de doutorado em geografia. Universidade do estado do Rio de Janeiro – UERJ, abril de 2013.

Durante o capitalismo industrial, algumas empresas tornaram-se grandes conglomerados. A concorrência de então passa a ceder lugar aos monopólios e oligopólios (trustes e cartéis). No alvorecer do século XX surge a terceira etapa do processo de desenvolvimento capitalista: o capitalismo financeiro monopolista. Esta fase é marcada pelo desenvolvimento e expansão das empresas multinacionais e pelo advento dos grandes bancos – que passam a financiar a produção. Com a crise de 1929 e a grande depressão que se seguiu na década de 1930, o Estado retorna para o campo macroeconômico com o intuito de impedir uma nova crise financeira. Emerge o keynesianismo em substituição ao liberalismo clássico.

Com a revolução técnico-científica, iniciada na década de 1970 – finalmente – tem o seu início a quarta e atual etapa do processo de desenvolvimento capitalista. Falamos da terceira revolução industrial ou revolução técnico-científico-informacional (SANTOS 2001; 2002) que suscitou o capitalismo informacional. Como o próprio nome sugere, nesta etapa, a informação e/ou o nível informacional passa a exercer papel preponderante para atores que almejam a hegemonia político-econômica, desempenhando o papel de principal matéria-prima (GOTTMANN). A revolução informacional, liderada por Estados Unidos e Japão, fez emergir a atual etapa do capitalismo. Esta fase hodierna tem como maiores representantes as indústrias/empresas atreladas ao ramo científico/tecnológico: informática, robótica, telecomunicações, entre outras. A política neoliberal que implica na redução do papel do Estado na economia, ou no Estado a serviço da economia dominante (SANTOS, 2001) e o processo de globalização da economia, representam as principais características da quarta e atual etapa do capitalismo.

Nos quatro parágrafos anteriores, o objetivo foi descortinar uma das definições que tenta abarcar a globalização, entendendo o referido processo como uma das etapas do capitalismo. A segunda noção relacionada ao fenômeno global em tela define a globalização como um processo representado pelo desenvolvimento atrelado às redes de transportes e comunicações que possibilitaram a compressão do espaço-tempo (HARVEY, 1989; SANCHEZ, 1988). Neste cenário, principalmente após a derrocada socialista (1990), o capitalismo se expande por todo o planeta, tornando-se global (globalização da economia).

Texto elaborado à partir da avaliação final da disciplina “Globalização e urbanização do mundo”, ministrada pela professora doutora Susana Mara Miranda Pacheco no curso de doutorado em geografia. Universidade do estado do Rio de Janeiro – UERJ, abril de 2013.

Seguindo esta vertente, podemos asseverar que as novas tecnologias cumprem sim um papel preponderante no processo de globalização, contribuindo para uma nova ordem econômica onde os atores hegemônicos são aqueles que comandam os paradigmas científico, tecnológico e informacional.

No que tange a relação entre a implementação das novas tecnologias e as mudanças espaciais, Sanchez (1988) assevera que, no âmbito da produção, está sendo introduzido um número cada vez maior de robôs e sistemas automatizados, diminuindo assim a mão de obra humana. Em relação à telemática, o citado pesquisador salienta que antes do encontro entre as telecomunicações e a informática (tele presença), o homem só podia executar ações onde estivesse fisicamente presente.

As novas tecnologias servem, igualmente, para seletivizar os lugares: a internet e os sinais de LED – por exemplo – chegam primeiro aos bairros mais nobres. Além disso, há a necessidade hodierna de estar “na rede” (conectado). E quem não está na rede encontra-se excluído (exclusão digital). Desta maneira, as novas tecnologias afetam diretamente o espaço, uma vez que esses implementos tecnológicos impactam a coletividade, tendo o poder de incluir e/ou excluir (SANCHEZ, 1988).

Uma sociedade em rede como preconiza Castells (2002), pressupõe um espaço de fluxos que, obviamente, necessita de avançadas redes técnicas a fim de possibilitar a crescente circulação de pessoas, mercadorias, informações e capitais no atual espaço global(izado). Neste ínterim, o novo espaço industrial caracteriza-se pela capacidade organizacional e tecnológica de separar o processo produtivo em diferentes localizações, integrando sua unidade por meio de conexões de telecomunicações e da flexibilidade e precisão resultante da microeletrônica na fabricação de componentes (CASTELLS, 2002).

Relacionando a questão das novas tecnologias advindas do processo de globalização à questão urbana, Castells (2002) desenvolve suas elucubrações sobre o que ele mesmo denomina como Cidade informacional. Para ele, esta é representada pela “tecnópolis”, onde os meios de inovação industrial de alta tecnologia (tecnopólos) representam o seu diferencial qualitativo. Segundo Castells, as principais tecnópolis localizam-se nas áreas metropolitanas mais destacadas do mundo: Tóquio, Paris, Londres etc.

Texto elaborado à partir da avaliação final da disciplina “Globalização e urbanização do mundo”, ministrada pela professora doutora Susana Mara Miranda Pacheco no curso de doutorado em geografia. Universidade do estado do Rio de Janeiro – UERJ, abril de 2013.

Para concluir esta questão, salientando a influência da urbanização e do consequente desenvolvimento tecnológico no processo de urbanização, creio ser pertinente a assertiva do Gottmann. Para este autor, a industrialização representou o motor da urbanização, uma vez que o desenvolvimento tecnológico oriundo deste processo contínuo foi o grande responsável pela nova divisão do trabalho que implicou nas transformações em relação à ocupação metropolitana. O melhor exemplo pode ser dado pelo êxodo rural produzido pela mecanização do campo, fenômeno responsável pela liberação de mão de obra no meio rural. Este incremento populacional gerado pela nova estrutura econômica, produtiva e organizacional – sempre atreladas às novas tecnologias – é um dos grandes pelo processo de urbanização da sociedade (LEFEBVRE, 2008).

2 – AS REPERCUSSÕES DA GLOBALIZAÇÃO NOS LUGARES NO ÂMBITO DA CULTURA URBANA: SUA INFLUÊNCIA SOBRE O COTIDIANO E AS AÇÕES HUMANAS CONSIDERANDO A INTERSEÇÃO LOCAL-GLOBAL.

A globalização repercute em todos os lugares do mundo: tanto no chamado meio rural/agrícola, porção espacial considerada por Santos (2001) como lugar da vulnerabilidade, quanto no meio urbano (o lugar da possível resistência). Apesar desta ponderação pertinente, não é difícil constatar que é no âmbito da cultura urbana que ocorrem as manifestações mais efusivas da globalização, afetando de uma maneira impressionante o dia-a-dia das pessoas.

Em suas abordagens sobre a relação entre o lugar e o cotidiano, o professor Milton Santos (2002) assevera que “cada lugar é, à sua maneira, o mundo”, sendo estes virtualmente mundiais. Apesar de sofrer a influência do mundo (da globalização), para Santos (2001; 2002), o lugar permanece íntegro em relação às especificidades que o torna “mais forte” a fim de fazer oposição frente aos desmandos inerentes ao processo de globalização.

Neste contexto, merece destaque ‘o papel da proximidade’ – representado pela proximidade física entre as pessoas em uma mesma extensão (con)vivendo com suas relações. Nas palavras de Santos (2002), esta contiguidade é responsável pelo estreitar dos laços entre as pessoas do meio urbano, podendo criar solidariedade, laços culturais e desse modo a identidade.

Texto elaborado à partir da avaliação final da disciplina “Globalização e urbanização do mundo”, ministrada pela professora doutora Susana Mara Miranda Pacheco no curso de doutorado em geografia. Universidade do estado do Rio de Janeiro – UERJ, abril de 2013.

Por meio da consolidação de sua individualidade, o lugar – então – pode se contrapor à universalidade atrelada à norma global desterritorializada (SANTOS,2002). É nesse sentido que “cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente (SANTOS, 2002, P.339).

3 – A DIMENSÃO POLÍTICA DA GLOBALIZAÇÃO E SUA COMPREEÇÃO A PARTIR DE PROJETOS E INTERVENÇÕES URBANAS: CRÍTICAS E EXEMPLIFICAÇÕES.

Assistimos nas últimas décadas ao surgimento e desenvolvimento de uma modalidade de intervenções urbanas/urbanísticas, representada pelas novas formas de planejamento, onde a cidade deixa de ser governada apenas, passando a ser “gerenciada” por atores/empreendedores que buscam – por meio de suas estratégias – gerenciá-la em prol de seus interesses particulares. Temos então a emergência da cidade onde o planejamento sucumbe diante dos interesses privados. As transformações espaciais derivadas deste novo empreendedorismo irradia uma nova geografia que tem sido descortinada por autores diversos (JACOBS, 2000; HALL, 1996; SANTOS, 2001; HARVEY, 1989; 2005).

O novo empreendedorismo sobre o qual nos debruçamos tem como elemento principal a noção de parceria público-privada onde, tanto figuras públicas (como um prefeito) quanto empreendedores privados, podem contribuir para a questão da “governança urbana” que, neste contexto, significa bem mais que governo urbano. Na governança urbana, o poder de organizar o espaço se origina em um complexo conjunto de forças por diversos agentes sociais: políticos e homens de negócio em geral (HARVEY; 2005, P. 171).

As citadas atividades de controle e comando, em muitos casos, possuem um caráter meramente especulativo. Os riscos são assumidos pelo poder público que, (re)vestido da política neoliberal, hoje – mais do que nunca – está a serviço da economia dominante em detrimento aos problemas sociais (SANTOS, 2001; HARVEY, 2005).

Texto elaborado à partir da avaliação final da disciplina “Globalização e urbanização do mundo”, ministrada pela professora doutora Susana Mara Miranda Pacheco no curso de doutorado em geografia. Universidade do estado do Rio de Janeiro – UERJ, abril de 2013.

Como exemplos das estratégias alternativas para a governança urbana, podemos citar a valorização de determinadas áreas degradadas ou em obsolescência por meio de projetos que privilegiem a inovação cultural, a melhoria do ambiente urbano e o estabelecimento de novas atrações para o consumo e entretenimento (construção de shoppings centers, ginásios e estádios esportivos são alguns exemplos). Como vemos, com a ascensão do empreendedorismo urbano, a ênfase nos serviços (turismo, espetáculos, eventos esportivos, consumo etc.) é superdimensionada. Segundo Harvey (2005), esta estratégia representa uma espécie de “maquiagem urbana”, onde a imagem triunfa sobre a substância. Nesta trilha, o empreendedorismo urbano camufla os problemas sociais e econômicos das cidades quando, por exemplo, regenera uma área “importante” da cidade em detrimento das demais. Desta forma, esta porção espacial repaginada torna-se uma espécie de “ilha” de prosperidade evanescente, circundada por um mar de pobreza crescente (HARVEY, 2005). Como exemplo desta prática, podemos citar o Rio de Janeiro, cidade espetáculo (carnaval, réveillon), cidade olímpica, cidade sede de copa do mundo, cidade com incontáveis problemas sociais e econômicos.

4 – MUDANÇA, TRANSIÇÃO E DIVERSIDADE: AS PALAVRAS-CHAVE RECORRENTES NO DISCURSO E NO PENSAMENTO DE AUTORES CONSAGRADOS PELA LITERATURA ESPECIALIZADA NO FENÔMENO URBANO.

O fenômeno urbano hodierno, fruto da industrialização e do processo de metropolização – por meio de sua diversidade de vetores e mudanças, fez com que as relações humanas se tonassem bem mais complexas. Quando a sociedade muda, o espaço segue este fluxo, atrelado a períodos de transição que – ao transformar as estruturas, as formas e as funções espaciais – fazem emergir novos contornos que merecem atenção de autores diversos (BELL, 1977; CASTELLS, 2002; CANCLINI, 1999; SANTOS, 2001; 2002; CAPEL, 2003; HARVEY, 1989; 2005; LEFEBVRE, 2008).

Em seu livro “A Revolução Urbana”, publicado originalmente em 1970, Henri Lefebvre (2008) propõe a hipótese da urbanização completa da sociedade. O citado pensador denomina “sociedade urbana” a sociedade que resultaria desse

Texto elaborado à partir da avaliação final da disciplina “Globalização e urbanização do mundo”, ministrada pela professora doutora Susana Mara Miranda Pacheco no curso de doutorado em geografia. Universidade do estado do Rio de Janeiro – UERJ, abril de 2013.

processo, que na época representava apenas uma virtualidade. Para Lefebvre, a sociedade urbana seria aquela nascida da industrialização, constituída pelo processo que domina e absorve a produção agrícola. Para denominar a sociedade pós-industrial, ou seja, aquela que nasce da industrialização e a sucede, Lefebvre propõe o conceito de “sociedade urbana”. Para o autor, o tecido urbano não designa apenas o domínio edificado das cidades, mas o conjunto de manifestações do predomínio da cidade sobre o campo. Nesse sentido, uma segunda residência ou outra construção em pleno campo, fazem parte do tecido urbano que se prolifera e destrói os resíduos de vida agrária. Partindo desses pressupostos, Lefebvre assevera que a grande cidade explodiu, dando lugar aos subúrbios, conjuntos residenciais ou complexos industriais. A sociedade urbana estaria em gestação. O “processo de implosão-explosão” surge nesse bojo. Este conceito Lefebvreano refere-se a enorme concentração na realidade urbana e a imensa explosão que projeta fragmentos múltiplos: periferias, subúrbios, residências secundárias. Nestes termos, o processo de implosão-explosão explicaria a irradiação de urbanidades à partir do processo de “fragmentação da metrópole” (SANTOS, 2001; 2002) por meio de subúrbios e periferias onde “desagrega-se tudo e o centro não segura” (HARVEY; 1989; 2005).

Outro pensador a se debruçar sobre a emergência da condição urbana foi Daniel Bell. Em seu livro “O Advento da Sociedade Pós-Industrial, Bell (1977), constrói suas elucubrações sobre as chamadas ‘sociedades industriais avançadas’, concebidas como as que surgiram por meio das mudanças que concorreram para que uma sociedade do ‘tipo rural’ transitasse para o ‘tipo urbano’. A economia agrária da primeira, sucumbiria então à economia industrial da segunda. Como o nome sugere, a sociedade pós-industrial seria aquela em que os serviços superam a produção industrial onde a técnica passa a exercer papel preponderante. Em uma tentativa de elucidar suas proposições, Bell salienta que, depois da segunda guerra mundial, a capacidade científica de um país passou a constituir um de seus determinantes de seu poderio e de seu potencial. A pesquisa e o desenvolvimento (P & D) substituíram o aço como padrão para comparar a força das potências. Em relação ao descrito nas linhas supramencionadas, Bell alude à sociedade estadunidense, sendo este o seu

referencial empírico. Baseando-se em dados estatísticos desta sociedade que apontam para um acréscimo nos empregos em serviços em detrimento aos postos industriais, é que Daniel Bell diz ocorrer a passagem da Sociedade industrial para a sociedade pós-industrial.

Manuel Castells (2002), igualmente, constrói sua teoria em torno dos desdobramentos advindos das mudanças, transições e diversidade que acompanham o processam de globalização e urbanização do mundo contemporâneo. Em seu livro “A Sociedade em Rede”, Castells explora o processo em tela como a emergência de um espaço de fluxos, sendo este representado pela nova lógica marcada pelo atual padrão de localização das principais atividades econômicas sob o novo sistema tecnológico, tanto em relação aos serviços avançados como à indústria. Em oposição ao ‘espaço de fluxos’, Castells apresenta a organização espacial historicamente enraizada de nossa experiência comum: o ‘espaço de lugares’.

Como apontei no primeiro parágrafo, são muitos os autores que constroem suas teorias à partir da experiência urbana, o que – por si só – denota a relevância do discurso em torno das palavras-chave citadas nesta questão para uma melhor compreensão do processo de globalização, do fenômeno urbano e do novo espaço geográfico que se delineia.

REFERÊNCIAS

BELL, Daniel. O Advento da Sociedade Pós-industrial. São Paulo: Ed. Cultrix, 1977.

CANCLINI, N. G. La Globalización Imaginada. Buenos Aires: Ed. Paidós, 1999.

CAPEL, Horácio. La Cosmópolis y La Ciudad. Barcelona: Ed. Del Serbal, 2003.

CASTELLS, Manuel. A Sociedade em Rede. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GOTTMANN, Jean. Gottmann: a metrópole transnacional.

HALL, Petter. Ciudades Del Mañana. Barcelona: Ed Del Serbal, 1996.

HARVEY, David. Condição Pós-Moderna. São Paulo: Edições Loyola, 1989.

_____. A Produção Capitalista do Espaço. São Paulo: Annablume, 2005.

JACOBS, Jane. Vida e Morte das Cidades. São Paulo, Martins Fontes, 2000.

LEFEBVRE, Henri. A Revolução Urbana. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

SANCHEZ, Joan-Eugeni. Espacio y Nuevas Tecnologías. Tese, 1988.

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. A natureza do espaço. São Paulo: EDUSP, 2002.